

ANSIEDADE DE INFORMAÇÃO NA ÓTICA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

INFORMATION ANXIETY FROM THE PERSPECTIVE OF UNIVERSITY STUDENTES

Tâmela Costa^a

Sérgio Ribeiro dos Santos^b

Saemmy Grasiely Estrela de Albuquerque^c

Sandra Aparecida de Almeida^d

Henry Poncio Cruz de Oliveira^e

RESUMO

Objetivo: analisar a Ansiedade de Informação em mídias digitais sob a ótica dos universitários de Enfermagem. **Metodologia:** trata-se de um estudo de natureza qualitativa, realizado em uma instituição de ensino superior da Paraíba, com 10 universitários do curso de Enfermagem. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada e o material empírico foi tratado por meio da análise de conteúdo de Bardin. **Resultados:** emergiram a partir da análise dos dados cinco classes 'Filtrando a informação', 'Conectando com o mundo', 'Acessando as redes sociais', 'Redes sociais invadindo a sala de aula' e 'Colocando o celular no silencioso ou desligando'. **Conclusões:** a Ansiedade de Informação se mostrou presente no meio acadêmico dos universitários de Enfermagem, em virtude do elevado acesso a informações e uso de aparatos tecnológicos. Assim, foram evidenciados os comportamentos de preocupação com a confiabilidade das informações, solidão, ausência de autocontrole, autorregulação, necessidade de conexão com o mundo virtual, serendipidade, compulsão e dependência pelas redes sociais, sufocamento pelo volume de informações, necessidade de se manter atualizado e busca de informações no *smartphone*.

Descritores: Ansiedade. Ansiedade de Informação. Tecnologias da Informação e

^a Doutoranda em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: tamela_costa@hotmail.com

^b Doutor em Ciências da Saúde e em Sociologia. Docente do Departamento de Enfermagem Clínica da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: profsergioufpb@gmail.com

^c Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: saemmy.albuquerque@academico.ufpb.br

^d Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente do Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: sandraalmeida124@gmail.com

^e Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: henry.poncio@gmail.com

Comunicação. Universitários.

1 INTRODUÇÃO

O ingresso na universidade é marcado por mudanças expressivas no âmbito da adaptação, cumprimento de normas e regras de convivência, bem como o processo de desenvolvimento pessoal e intelectual. Todos esses fatores podem acarretar dificuldades ao estudante em seus modos de agir e refletir frente a diversas áreas de sua vida (MARTINCOWSKI, 2013).

A ansiedade pode se fazer presente no cotidiano de discentes de ensino superior, o que pode comprometer a cognição, ocasionando confusão e distorções perceptivas em relação ao tempo, ao espaço, às pessoas e a eventos. Dessa forma, a aprendizagem pode ser afetada de forma significativa, implicando na redução da concentração e da memória, bem como na capacidade de associação (DEGHAN-NAYERI; ADIB-HAJBAGHERY, 2011).

O desempenho e a aprendizagem têm relação direta com a ansiedade que pode gerar desmotivação e procrastinação, prejudicando o rendimento acadêmico do estudante (CAMPBELL, 2007; MACHER *et al.*, 2012). Neste sentido, Carleto *et al.* (2018) alertam para a necessidade de intervenções voltadas à contribuição da adaptação acadêmica de universitários.

Considerando-se a ansiedade em relação à informação, esta se manifesta como um comportamento potencialmente decorrente da necessidade do acesso e/ou uso exacerbado de informações pelos sujeitos. Embora a Ansiedade de Informação ainda não esteja presente no CID-10 nem em outro sistema de classificação de doenças, pode causar prejuízos às pessoas e por isso tem sido temática de pesquisas científicas nas áreas de Saúde e de Ciência da Informação ancorando-se no conceito geral de Ansiedade, que possui registro Código Internacional de Doenças (CID-10).

Wurman (2005) define a Ansiedade de Informação como a percepção do indivíduo, no que se refere ao seu distanciamento, entre aquilo que acredita saber e o que deveria saber, capaz de levá-lo a uma busca infundável por informações ou desejo de estar continuamente atualizado.

Na era da informação, Wurman (2005) atribui que os transtornos

causados pela sensação de sermos obrigados a saber tudo pode gerar a Ansiedade de Informação, em virtude do acesso a um conteúdo vasto de informações. Destarte, pode ser criada uma barreira para a obtenção e uso de informações no campo acadêmico.

Blundell e Lambert (2014) descrevem que a ansiedade relacionada à informação parece estar entre as mais prevalentes no contexto acadêmico. Considerando os agentes multifatoriais que envolvem os transtornos de ansiedade temos o uso acentuado das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), a produção, a disseminação e consumo de informações em redes sociais como potencializadores do comportamento ansioso.

Diariamente, universitários se deparam com uma gigantesca quantidade de informações. Deste modo, ao se iniciar uma busca nas redes digitais, em muitos momentos podem perder a noção e o senso de direção no contexto das atividades acadêmicas, podendo vivenciar sensações de inquietação, de insegurança e de dúvidas, sobretudo provocadas pela distância entre o que sabe e o que acredita dever saber ou ter conhecimento, correspondendo a um estado de ansiedade que se estrutura na experiência de estudantes no contexto do acesso e uso da informação, sobretudo de natureza digital.

Com base em Oliveira e Silva (2018a) afirmamos que a Ansiedade de Informação merece atenção da Ciência da Informação que, em diálogo interdisciplinar com campos como a Psicologia Social, pode produzir compreensões e possíveis soluções para redução dos comportamentos ansiosos. Ainda dialogando com a autoria supracitada, enxergamos a Ansiedade de Informação como um fenômeno comportamental atual, bastante vivenciado no “arranjo social pós-industrial, que está marcado pela intensa produção, disseminação, acesso e uso de amplos e abertos volumes de informação de natureza digital” (OLIVEIRA; SILVA, 2018b, p. 4932).

Diante desse contexto e em vista a escassez de estudos que busquem compreender as causas peculiares relacionadas a temática da Ansiedade de Informação entre universitários, o presente estudo teve como objetivo: Analisar a Ansiedade de Informação no contexto das Tecnologias de Informação e Comunicação sob a ótica dos universitários de Enfermagem.

A presente pesquisa tem aderência ao campo da Ciência da Informação, que tem acumulado, sobretudo por meio das perspectivas interdisciplinares e transdisciplinares, pesquisas sobre processos informacionais em diferentes contextos da saúde, considerada em sua abrangência e complexidade (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2022).

Oliveira e Silva (2018b) apresentam uma agenda de pesquisa sobre Ansiedade de Informação e atestam que as pesquisas interdisciplinares, executadas com o olhar da Ciência da Informação, sobre o impacto da informação e das tecnologias na saúde das pessoas, especialmente nos contextos de Ansiedade de Informação, tem significativo impacto científico e social.

Ademais, as temáticas abordadas no presente estudo se alinham aos resultados do ranking global de tendências de pesquisa em Ciência da Informação, que apresentou a saúde como a 22^o. temática mais presente nos textos científicos. Ainda sobre os resultados deste ranking, informação e saúde é a 4^a palavra-chave com mais citações e indicadores na base de informações Scopus (PANAHI; LOTFI; OUCHI, 2022).

2 REVISÃO DE LITERATURA

Buscando desenvolver as categorias teóricas fundamentais para execução deste estudo científico, traçamos alinhavos teóricos e conceituais entre a informação, sobre a ansiedade e sobre a Ansiedade de Informação.

2.1 INFORMAÇÃO

A informação pode ser compreendida como uma condição fundamental para favorecer a construção de conhecimentos e de relacionamentos entre pessoas e o meio em que estão inseridas (KUMAR, 2006). A etimologia da palavra informação é de origem latina, do verbo *informare*, que significa “dar forma, ou aparência, colocar em forma, formar, criar [...] representar, apresentar, criar uma ideia” (ZEMAN, 1970, p. 156).

As transformações geradas nas estruturas do indivíduo por meio dos elementos informacionais, que podem ser de caráter objetivo ou subjetivo, permitem a comunicação através de códigos conhecidos pelo sujeito-emissor e sujeito-receptor, potencializando que a mensagem seja interpretada e passe a fazer sentido para o sujeito receptor (BROOKES, 1980).

A informação alcançou espaços ativos entre os sujeitos e os grupos sociais de um modo geral, evidenciando sua relevância e uma dinâmica relacional entre informação e tecnologia. Por meio da revolução tecnológica podem ser observados os efeitos da informação sobre a vida em sociedade, um dos elementos que se destacam nesse contexto é a *internet* que impactou o estilo de vida dos sujeitos, bem como na forma de se relacionar com outras pessoas e fazer negócios (SILVA; GOMES, 2015; WURMAN, 2005).

Nesse contexto, Oliveira (2014) destaca que a *internet* possibilita a conectividade de organizações e pessoas em uma rede estruturada de produção e propagação de dados e informações. Para este autor, os dados e informações circulam por meio de ambientes de informação em teias hipertextuais contribuindo assim, para a construção do conhecimento. Afirma ainda que, o crescente quantitativo de informações implica na necessidade de se refletir e revisar os modos que se apresentam ocupando ambientes digitais e não digitais.

As tecnologias de armazenamento e divulgação e os meios de acesso a informação passam por aprimoramentos. No entanto, a vasta gama de informações disponíveis sinaliza dificuldades na elaboração, na reflexão e construção de conhecimento por parte dos sujeitos, o que pode desencadear ansiedade (OLIVEIRA, 2014).

Portanto, o fenômeno informacional, embora tenha um potencial de gerar benefícios às pessoas e instituições, pode ser prejudicial para o indivíduo, uma vez que pode não conseguir gerir o ritmo desenfreado de mudanças tecnológicas e sociais materializadas na quantidade de informações oferecidas, podendo desenvolver assim, o que Wurman (1991) chamou de Ansiedade de Informação (DURIGAN; MORENO, 2013).

2.2 ANSIEDADE

Dentre o rol de emoções essenciais do ser humano como felicidade, tristeza, raiva, encontra-se a ansiedade. É considerada como fundamental para a sobrevivência do ser humano, no entanto para algumas pessoas pode acarretar problemas. Quando a ansiedade se instala como um quadro patológico, podendo chegar a formas graves, é tida como um transtorno psicológico que acomete milhares de pessoas em nível mundial (FREEMAN; FREEMAN, 2015).

Situações e vivências relacionadas a decepções amorosas, dificuldades financeiras, problemas de saúde, entre outras, podem gerar quadros de ansiedade e isto pode ser considerado dentro da normalidade se compatível com o enfrentamento dos problemas que o sujeito deve lidar, todavia, algumas pessoas reagem de forma mais intensa do que outros a esses e outros eventos, sinalizando um nível de ansiedade patológico, ou seja, um nível de ansiedade que se mostra incompatível com a realidade vivida (NARDI, 2004).

Considerada dentro dos princípios da normalidade, a ansiedade pode ser benéfica quando impulsiona o indivíduo a responder aos estímulos se posicionando em um estado de alerta para preservação da vida, por meio da motivação e comportamentos de enfrentamento. Porém, quando começa a afetar o funcionamento cognitivo e comportamental de forma acentuada, acarreta sintomas psicossomáticos com consequências à saúde mediante respostas impróprias a eventos estressores, transformando-se em transtorno da ansiedade (OLIVEIRA, 2011; CORREIA, LINHARES, 2007).

Dessa forma, no século XVII, o termo ansiedade passou a ser categorizado, nas áreas médicas, como doença mental. Em meados do século XVIII, a ansiedade era avaliada especificamente por aspectos biológicos do ser humano identificáveis pelas repercussões físicas. Já no final do século XIX, à sintomatologia foi agregada elementos conceituais psiquiátricos, com base em trabalhos de psiquiatras como Sigmund Freud (STONE, 2009; NARDI, 2004). A ansiedade ocupou o sexto lugar no ranking mundial de transtornos mentais e já atingiu cerca de 8,3% da população no Brasil (WHO, 2017).

De acordo com Townsend (2011, p. 17) “a ansiedade pode ser definida

como “uma apreensão difusa que é vaga na sua natureza e está associada com sentimentos de incerteza e impotência”. Para Clark e Beck (2012, p. 14) é “uma emoção orientada ao futuro, caracterizada por percepções de incontabilidade e imprevisibilidade”.

2.3 ANSIEDADE DE INFORMAÇÃO

Segundo Wurman (2005, p.14) o conceito de Ansiedade de Informação é: “o resultado da distância cada vez maior entre o que compreendemos e o que acreditamos que deveríamos compreender. É o buraco [...] que existe entre dados e conhecimento, que aparece quando a informação não nos diz o que queremos saber”.

No âmbito da Teoria Cibernética, a Ansiedade de Informação está ligada ao sentimento de emergência pela informação e não capacidade do indivíduo de absorver fluxo contínuo de conteúdos, ocasionando assim uma sensação de exclusão ou incapacidade, levando ao estado ansioso (SIQUEIRA, 2017).

O cérebro humano possui capacidade de armazenamento e processamento de dados e informações, todavia a necessidade de se conectar com mais informações a respeito do que está ao nosso redor e que, de forma amplificada chega até nós a todo momento, pode acarretar a Ansiedade de Informação e desencadear sintomas físicos, mentais e emocionais (SHEDROFF, 1999; WURMAN, 2005).

Nota-se que, além do sujeito tentar absorver informações para satisfazer suas necessidades de se manter atualizado, a cultura digital parece ter produzido uma necessidade urgente de busca de informações, de forma desenfreada, para atender as expectativas dos outros a seu respeito, levando ao estado de ansiedade e deixando as pessoas à mercê de uma produção descontrolada de dados pessoais de acesso e navegação que, por vezes, é controlada por terceiros (VALENTIM, 2002; WURMAN, 2005).

No contexto acadêmico, Katopol (2010) assevera que a Ansiedade de Informação pode acometer os estudantes criando uma espécie de barreira para a aquisição e utilização de informações no âmbito da universidade.

A alta demanda de uso cotidiano de Tecnologias de Informação e

Comunicação (TIC), a exemplo *dos smartphones*, pode levar os estudantes a sentirem-se ansiosos na busca de informações, visualização das notificações de redes sociais e novas atualizações de cunho científico ou não, ou seja, esse fluxo intenso de informações pelas redes pode acarretar o estado de Ansiedade de Informação (DAVIDOFF, 2001).

Estudos realizados com estudantes universitários em diferentes contextos e cursos de graduação, demonstram a manifestação da Ansiedade de Informação relacionada a dificuldade de assimilação de conteúdos em um curto espaço de tempo, afetando seu desempenho acadêmico e produzindo o surgimento de sintomas físicos e psicológicos (OLIVEIRA, 2017; SANTOS, 2015).

Por fim, pontuam-se as principais alterações psíquicas e comportamentais ocasionadas pela a Ansiedade de Informação: culpa associada ao volume de informações disponíveis, dificuldade para admitir que não detém informações para assumir um fato novo, frustração associada à capacidade de explicar uma informação, necessidade excessiva de se manter atualizado, reação emotiva diante de uma informação nova, recusa no uso de equipamento eletrônico que não sabe operar, necessidade de discutir um tema mesmo sem dispor de informações satisfatórias, navegação compulsiva em redes sociais, angústia diante dos botões e ícones de um equipamento eletrônico (WURMAN, 1991, 2005).

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo de natureza qualitativa, realizado nas dependências do Centro de Ciências da Saúde de uma instituição pública de ensino superior do Estado da Paraíba.

A população do estudo foi constituída por graduandos de Enfermagem regularmente matriculados do primeiro ao décimo período. Foram selecionados 10 alunos por meio de sorteio aleatório da lista de frequência, correspondendo a todos os períodos do curso, que estivessem blocados, interessados em participar da pesquisa e que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturada,

agendadas previamente, não estabelecendo-se limite de tempo para dar maior liberdade de expressão aos colaboradores da pesquisa; as mesmas foram gravadas e posteriormente transcritas. O roteiro continha questões abertas, dentre elas: “Como você se sente diante da grande quantidade informação disponibilizada na internet?”, “O que você mais busca quando acessa a internet?”, “Como você se sente, caso não tenha acesso às notificações disponíveis no seu *smartphone* durante as aulas da universidade”, e “Você consegue ter controle sobre seus impulsos quando busca informação? De que forma?”.

Para análise de dados utilizou-se a análise de conteúdo (AC) categorial temática proposta por Bardin (2016), que ocorreu por meio de três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

O processamento dos dados ocorreu através do *software* livre IRaMuTeQ® (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), desenvolvido sob a lógica *open source* e ancora-se no ambiente estatístico do *software* R e na linguagem python. Dentre as possibilidades de processamento, optou-se pela Classificação Hierárquica Descendente (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição, sob Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 87242318.8.0000.5188. Seguindo os princípios éticos e legais estabelecidos pela Resolução nº 466/2012 e todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

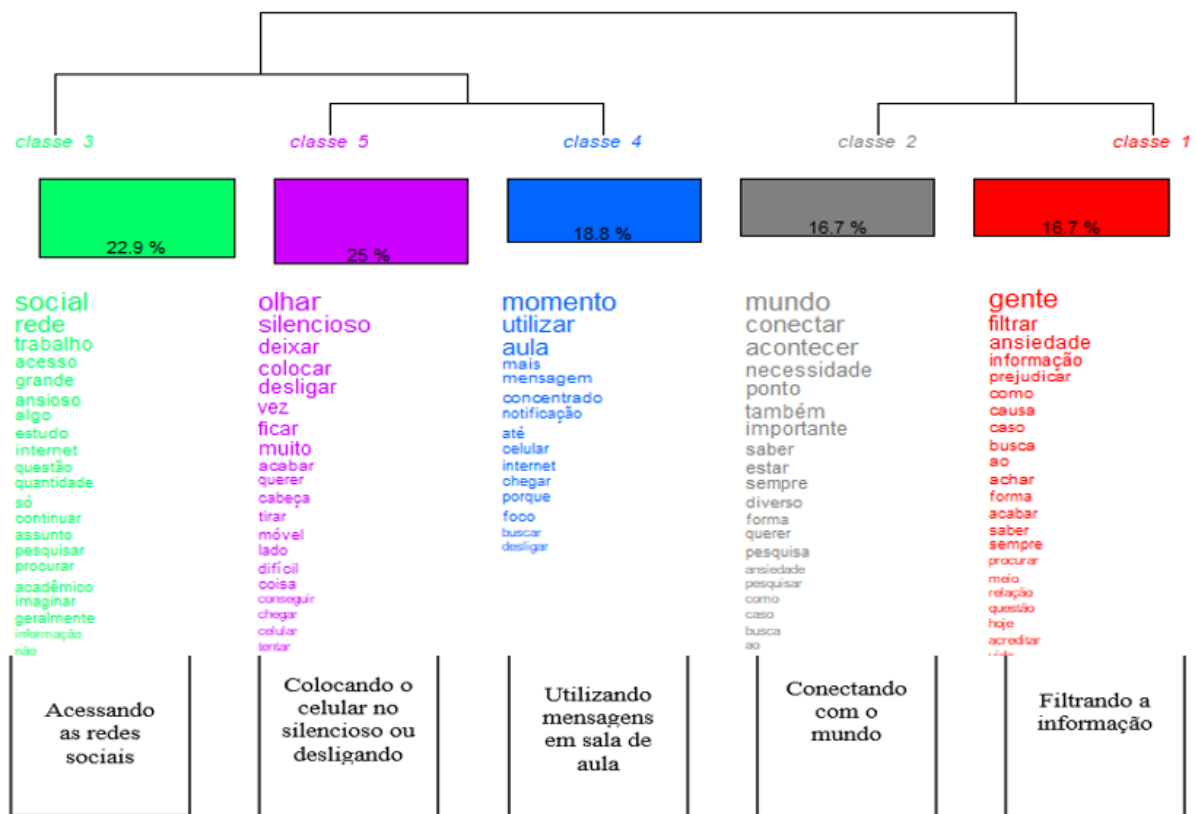
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do *corpus* original, realizou-se a recuperação dos segmentos de textos e a associação de cada um, possibilitando o agrupamento das palavras estatisticamente significativas e a análise dos dados. Cada entrevista foi denominada de Unidade de Contexto Inicial (UCI) e as Unidades de Contexto Elementar (UCE) ou segmentos de texto que integraram cada classe e foram adquiridas com base nas UCI, possuindo vocabulário similar entre si e distintos

das UCE das outras classes.

O processamento do *corpus* foi realizado em 31 segundos e foram observadas: 1.850 ocorrências de palavras, 54 segmentos de texto, 553 formas, 60 formas suplementares, formas ativas com a frequência $\geq 3,94$, média das formas por segmento de 34.259.259 e 5 classes, obtendo-se um aproveitamento de 88,89% emergindo cinco categorias, que corresponderam às classes de palavras geradas pelo *software*. Na Figura 1, pode-se visualizar o dendograma que demonstra as classes advindas das partições do conteúdo.

Figura 1 - Dendograma com as classes identificadas.



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Com o dendograma foi possível a visualização das palavras que alcançaram maior porcentagem, quanto à frequência média entre si e diferente entre elas. Esse dicionário de palavras propiciou, por meio da utilização do qui-quadrado (χ^2), das palavras que apresentaram valor maior que 3,94 e $p < 0,0001$.

Classe 1 – Filtrando a informação

A classe 1 obteve 16,7% do *corpus* processado, sendo composta por universitários do oitavo e nonos períodos. As palavras que mais se destacaram foram: gente, filtrar, ansiedade, informação e prejudicar. Um aspecto relevante observado foi a necessidade de filtrar as informações, como uma estratégia para que essas se tornem mais confiáveis:

[...] ter cuidado e saber filtrar as informações, procurar as fontes confiáveis (E02; per.08; sex. fem.).

A análise deste fragmento de fala permite a articulação com a visão de Dutra e Barbosa (2018), quando fazem um alerta acerca de que, após as fontes de informação serem identificadas, é indispensável a análise da qualidade destas, como meio de garantir maior segurança na tomada de decisão, proporcionando a seleção de fontes mais confiáveis e, por conseguinte, coletas com êxito.

Os autores supracitados retratam que durante a busca de informações, os sujeitos deveriam ter acesso apenas ao conteúdo que realmente corresponde aos seus interesses. Neste seguimento, diante do quantitativo de informação disponível, uma maneira de classificar e identificar as informações é por meio de uma avaliação qualitativa, que melhor atende às necessidades e aos interesses dos usuários.

No que tange ao aglomerado de informações disponíveis, a não filtragem da informação, segundo a percepção da universitária, estaria associada ao desenvolvimento da Ansiedade de Informação, como sinaliza a fala:

[...] se não tiver um foco ou não souber filtrar, acho que é justamente por causa disso que se desenvolve uma ansiedade (E16; per.09; sex. fem.).

A explosão informacional, conforme Dutra e Barbosa (2018), decorre do advento da *internet* e da evolução das TIC, trazendo à tona a não confiabilidade das informações adquiridas, por meio das fontes digitais. Deste modo, são necessários cada vez mais recursos capazes de propiciar informações mais confiáveis.

O grande volume de informação disponível pode resultar em patologias associadas à informação, ocasionadas em decorrência da diversidade e

quantidade de informação acessível (BAWDEN; ROBINSON, 2009). Isto remete à fala de um dos universitários (E16; per.09; sex. fem.), quando relata que se não souber filtrar as informações, a pessoa está passível a desenvolver ansiedade.

Os resultados encontrados para a classe 1 nos demonstram a filtragem de informações como uma espécie de competência informacional. Neste sentido, se alinham ao pensamento de Souza e Vitorino (2018) quando sinalizam “conexões da competência em informação com a Ansiedade de Informação, tendo em vista que a primeira minimiza os efeitos da segunda”.

Com base nos dados desta pesquisa, inferimos que os universitários de Enfermagem do oitavo e nono períodos encontram-se em uma fase de maturidade acadêmica, que os permitem ter mais conhecimento para selecionar as informações, conhecem métodos de busca e otimizam melhor o tempo durante as pesquisas científicas.

Classe 2 – Conectando com o mundo

A classe 2 obteve 16,7% do *corpus* processado, pertencentes ao primeiro, sexto e sétimo períodos. As palavras que mais se destacaram foram: mundo, conectar, acontecer e necessidade. Verificam-se relatos quanto ao posicionamento dos universitários frente à conexão com o mundo virtual:

[...] é raro ter essa necessidade de estar sempre conectada com o mundo virtual [...] no dia a dia, não tenho muito essa necessidade de estar sempre conectada, eu consigo controlar meus impulsos de acordo com a prioridade, se aquela informação é importante preciso dela imediatamente sem controle, eu tenho que pesquisar logo e tenho que saber (E04; per.06; sex. fem.).

[...] ansiedade de buscar, tentar conhecer logo alguma coisa, estar sempre conectado tentando saber o que está acontecendo no país e no mundo, busco as informações que quero saber, mas não deixo que elas me afetem (E08; per.07; sex. masc.).

Observa-se contradição nos registros supracitados. O primeiro fragmento de fala, afirma que não tem necessidade de se conectar com o mundo virtual e possui controle sobre seus impulsos na busca de informação, mas ao mesmo tempo, perde o controle quando precisa de uma informação rápida. Entende-se

que, a universitária não apresenta autocontrole quando se depara com a necessidade de saber alguma informação. Enquanto o outro fragmento demonstra a necessidade de conexão virtual, mas não percebe que não possui autocontrole sobre a busca de informações.

Em termos conceituais, o autocontrole pode ser definido por Wills *et al.* (2006, p. 265), como:

[...] um grupo de habilidades relacionadas que envolvem aspectos tais como focar e mudar a atenção, comportamento de monitoramento, relacionar comportamentos e consequências ao longo do tempo, e considerar alternativas antes de agir.

Ainda sobre necessidade de se conectar com o mundo virtual, foi perceptível o sentimento de solidão, referido pela universitária caso fosse impossibilitada de ter acesso às suas notificações no *smartphone*, como ilustra a fala a seguir:

[...] caso não tivesse acesso às minhas notificações durante a aula eu me sentiria meio desconectada do mundo, iria buscar alguma forma, algum ponto para me conectar porque é meio indispensável no mundo de hoje saber o que está acontecendo lá fora (E01; per.01; sex. fem.).

A escolha de se manter durante um longo tempo conectado demonstra influências potencialmente prejudiciais à rotina das pessoas, que podem não usufruir adequadamente das vivências analógicas e presenciais, e ainda podem se colocar em uma condição de vulnerabilidade diante de problemas de saúde como a solidão, ansiedade e depressão. Universitários são considerados um grupo de maior risco de vivenciar sintomas de solidão, ansiedade e depressão quando comparados com a população geral (MAYATE; BLÁS, 2014; MÉA; BIFFE; FERREIRA, 2016).

Os achados científicos relacionados na classe 2 reforçam o que Oliveira e Silva (2018b) apontam sobre a necessidade de se aprofundar as pesquisas interdisciplinares envolvendo os campos da Ciência da Informação e da Psicologia para elucidar o fenômeno a relação entre a longa permanência online em estruturas digitais *cross channel*.

Classe 3 – Acessando as redes sociais

A classe 3 obteve 22,9% do *corpus* processado, sendo composta por universitários pertencentes ao terceiro, quarto, sexto e décimo períodos. As palavras que mais se destacaram foram: social, rede, trabalho, acesso e grande. Os universitários relatam acerca do significado atribuído às redes sociais:

[...]geralmente eu vou estar só checando a rede social. [...] sempre estar querendo abrir o celular para visualizar alguma coisa, mesmo que aquilo não lhe preencha de alguma forma, mas estar sempre à procura de saber o que se passa ao redor da sua cidade e do mundo em geral (E21; per.03; sex. fem.).

Neste fragmento de fala nota-se uma incoerência quanto ao acesso às redes sociais, visto que no primeiro momento a universitária afirma que acessa as redes sociais apenas para checá-las, mas posteriormente menciona sobre a necessidade de estar sempre usando o *smartphone* pelo menos para visualizar alguma notificação, mesmo que este ato cause um vazio. Pode-se inferir que o uso do celular causa compulsão na tentativa de manter-se conectada nas redes sociais, motivada pela sensação de satisfação e prazer fornecida pela conexão com o mundo virtual.

À vista disso, Terroso e Argimon (2016) afirmam que o volume de conteúdos atrativos e instigantes nas redes sociais fornece um contato aprazível e, simultaneamente, propicia a fantasia e o desempenho de papéis, os quais podem ser favoráveis ao uso abusivo da internet como também à facilidade de acesso. Ademais, parece que a viabilidade de acompanhar o cotidiano de outros sujeitos, nem sempre acessíveis nos contatos presenciais, gera intensos estímulos nos jovens que podem desencadear o adoecimento psicológico e social.

Oliveira, Barros e Goulart (2016) esclarecem que ferramentas e aplicativos móveis de interação, como as redes sociais, propiciam o estabelecimento de conexões entre os sujeitos. Estes autores defendem que redes sociais podem ser definidas como redes de comunicação caracterizadas por dois elementos principais: os atores sociais (pessoas, organizações ou grupos) e as conexões equivalentes às interações sociais desenvolvidas nesse espaço.

Percebe-se que um dos universitários se sente ansioso para acessar as redes sociais, com o propósito de saber informações a respeito de outros usuários, e isto, representa um verdadeiro privilégio:

[...] você fica ansioso para entrar nas redes sociais para saber da vida dos outros (E06; per.10; sex. fem.).

É destacável, sobretudo, a divergência de uma das falas, entre as demais, quanto à finalidade do acesso às redes sociais. A universitária afirma que esta ação pode comprometer a vida cotidiana e, seu uso ocorre, em momentos livre e destinados ao lazer. Como mostra o comentário a seguir:

[...] muitas vezes a rede social atrapalha, tira o foco, utilizo as redes sociais nos momentos de lazer, no tempo livre (E04; per.06; sex. fem.).

Fraga e Silva (2010) elucidam sobre as frequentes críticas de que as redes sociais provocam desatenção para o desempenho acadêmico e profissional visto que seu uso pode se tornar excessivo e prejudicial. Os autores acrescentam que o uso contínuo e frequente dessas redes pode comprometer o rendimento acadêmico dos discentes, pois propicia a falta de interesse em atividades de estudo.

Ainda em relação as redes sociais, verifica-se que um dos universitários reconhece que, por um lado, o acesso oferece numerosos benefícios, em contrapartida, pode interferir nas suas atividades cotidianas, conforme destaca o fragmento:

[...] as redes sociais, por um lado é bom, mas acho sufocante tanta informação. [...] se eu não tiver acesso às notificações fico ansiosa porque há uma dependência muito grande, principalmente, das redes sociais [...]tem dias que deixo até de estudar pelas redes sociais, para resolver fiz uma agenda de estudo e de acesso as redes sociais (E07; per.04; sex. fem.).

Nessa perspectiva, Boubeta *et al.* (2015) asseguram que mesmo com a popularização das tecnologias e seus inúmeros benefícios, pode haver consequências como o uso da *internet*, o vício em tecnologia ou dependência de celular e *internet*. Isto posto, a utilização demasiada da *internet* pode ser decorrente da regularidade em que o indivíduo acessa as redes sociais para variadas finalidades, como a comunicação com os amigos, interação com familiares distantes ou realização de trabalhos. Kirschner e Karpinski (2010) mostraram desempenhos acadêmicos comprometidos, apontando que usuários

viciados em redes sociais, atingiram notas mais baixas em comparação aos não usuários.

A classe 3 ao apresentar dados sobre o fenômeno da Ansiedade de Informação relacionado ao uso intenso das redes sociais robustecem, o que Oliveira e Silva (2018b) sinalizam com base os indicadores epidemiológicos globais sobre ansiedade no contexto do atual paradigma sociotécnico, onde o acesso e uso de dispositivos móveis e redes sociais se tornou tão frequente, sendo capaz de impactar na saúde mental e modificar os elementos Wurmanianos constitutivos da Ansiedade de Informação.

Classe 4 – Redes sociais invadindo a sala de aula

A classe 4 obteve 18,8% do *corpus* processado, sendo composta por universitários pertencentes ao segundo, quinto e sétimo períodos. As palavras que mais se destacaram foram: momento, utilizar, aula e mensagem. Os universitários expressaram dificuldades em lidar com as mensagens recebidas pelo *smartphone* durante as aulas, como apontam a seguir:

[...] quando chega muitas mensagens, eu sempre desligo a internet, principalmente, para não ver e para não chegar as próximas mensagens, por não me sentir atraída naquele momento na aula (E18; per.05; sex. fem.).

[...] detesto notificações e fico tirando, sempre tenho que desligar os dados móveis senão eu não assisto a aula, mas é muito difícil se chega uma mensagem vou olhar (E14; per.02; sex. fem.).

[...] durante as aulas evito até que chegue notificação no celular tiro a visualização de mensagens (E08; per.07; sex. masc.).

Nota-se por meio das falas, que as TIC parecem ter domínio sobre a vida dos universitários. A reação emotiva diante de uma informação nova, quando recebem mensagens no *smartphone*, expressa a falta de controle para lidar com a situação. Para tentar reverter esta situação, adotam estratégias para ajudá-los a reduzir a ansiedade, manter a concentração e não afetar o desempenho durante as aulas.

A funcionalidade dos diversos recursos presentes nas redes sociais serve como estímulo para o retorno contínuo do usuário. A verificação de curtidas no *Instagram* ou *Facebook*, as notificações no *WhatsApp*, o recebimento de

comentários e mensagens em geral, despertam nas pessoas o desejo de checar frequentemente os acontecimentos em seus perfis virtuais. São demonstrados em estudos que cada curtida recebida no *Facebook* causa picos de bem-estar cerebrais nos quais se comparam com os que acontecem com outros geradores de prazer, a exemplo do sexo, cocaína e alimentos. Porém, quando não são recebidas as curtidas ou os comentários positivos sobre alguma postagem, pode desencadear uma sensação de vazio intenso, ansiedade, irritabilidade (ANDREASSEN; PALLESEN, 2014; HORMES; KEARNS; TIMKO, 2014).

Os resultados apresentados na Classe 4, relacionados ao uso de redes sociais na sala de aula, estão potencialmente alinhados aos resultados encontrados por Cavallari Filho *et al.* (2020) sobre o uso de redes sociais no contexto organizacional das *startups*, sinalizando consistência dos resultados encontrados nesta pesquisa.

Classe 5 – Colocando o celular no silencioso ou desligando

A classe 5 obteve 25% do *corpus* processado, sendo composta por universitários pertencentes ao primeiro, quinto, nono e décimo períodos. As palavras que mais se destacaram foram: olhar, silencioso, deixar, colocar e desligar. Foi possível constatar a atitude dos universitários em manter o celular no silencioso ou desligá-lo, como forma de evitar a ansiedade de se manterem atualizados ou conectados por meio do *smartphone*:

[...] às vezes desligo o celular, fico sozinha em um canto coloco no silencioso, mas isso é muito raramente, só quando estou com dor de cabeça, quando estou muito cansada [...] (E01; per.01; sex. fem.).

[...] coloco meu celular no silencioso, retiro todas as notificações para não ficar ansiosa [...] (E06; per.10; sex. fem.).

[...] geralmente, deixo o celular no silencioso ou coloco para carregar distante de mim para não ficar perto e não ficar olhando (E16; per.09; sex. fem.).

É viável inferir que, os universitários apresentam um comportamento de autorregulação, como uma tentativa de impedir a ansiedade, mas de se manterem sempre atualizados e conectados por intermédio dos *smartphones*.

O consumo prejudicial do *smartphone* deve ser tratado com foco no

desenvolvimento de autocontrole capaz de amortizar os efeitos negativos de comportamentos compulsivos e viciosos (RIGHETTI; FINKENAUER, 2011; DZHOGLEVA; LAMBERTON, 2014).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se que, na percepção dos universitários de Enfermagem, a Ansiedade de Informação se expressa mediante comportamentos vinculados às Tecnologias de Informação e Comunicação: preocupação com a confiabilidade das informações, solidão, ausência de autocontrole, autorregulação, necessidade de conexão com o mundo virtual, serendipidade, compulsão e dependência pelas redes sociais, sufocamento pelo volume de informações, necessidade de se manter atualizado e busca de informações no *smartphone*.

O presente estudo corrobora a necessidade, defendida por Oliveira e Silva (2018b), acerca de uma agenda de pesquisas sobre a Ansiedade de Informação envolvendo Ciência da Informação e Psicologia.

Os resultados encontrados nesta pesquisa contribuíram para identificar a manifestação de comportamentos sugestivos da Ansiedade de Informação nos universitários de Enfermagem, tendo em vista que, o acesso a uma imensa quantidade de informações por meio dos aparelhos tecnológicos no ambiente acadêmico pode influenciar no aparecimento desta ansiedade.

Embora seja discreta a literatura disponível acerca da temática, os resultados encontrados neste estudo parecem ser consistentes com alguns estudos publicados no campo da Ciência da Informação. Quando colocamos em tela o trabalho de Oliveira e Silva (2018b) percebemos que, de fato, o aporte teórico e metodológico advindos da Ciência da Informação e da Psicologia é necessário para embasar os estudos sobre ansiedade da informação. Ademais, os resultados aqui encontrados evidenciam a relevância da adequação e ampliação feitas por Oliveira e Silva (2018a), sobre as categorias Wurmanianas sobre Ansiedade de Informação.

Este estudo apresentou limitações quanto à capacidade de generalização dos dados, por ter sido avaliado apenas um cenário de pesquisa. Todavia, os resultados oferecem subsídios para pesquisas dessa natureza em outras

realidades. Novas investigações em outros grupos populacionais de mesmo perfil ou similar, podendo-se estender ao contexto de universitários de outros cursos da saúde ou até mesmo de outras áreas. Em específico, sugere-se que seja aplicado com discentes dos cursos de graduação em Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, bem como em discentes da pós-graduação em Ciência da Informação. Considerando que os cursos de graduação e pós-graduação tem a informação como objeto de investigação ou de trabalho, a sugestão parece ser relevante para averiguar se existem os gatilhos de Ansiedade de Informação nestes grupos se diferenciam dos gatilhos encontrados em alunos de Enfermagem.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa recebeu apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

REFERÊNCIAS

ANDREASSEN, Cecilie Shou; PALLESEN, Stale. Social network site addiction - an overview. **Current Pharmaceutical Design**, [S. l.], v. 20, n. 25, p. 4053-4061, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.2174/13816128113199990616>. Acesso em: 01 jun. 2021.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. **Coordenações e Ementas de GT**. ANCIB, 2022. Disponível em: <https://ancib.org/coordenacoes-e-ementas-de-gt/>. Acesso em: 18 mai. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad.: Luís Antero Neto; Augusto Pinheiro. 3ª reimpressão. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAWDEN, David; ROBINSON, Lyn. The dark side of information: overload, anxiety and other paradoxes and pathologies. **Journal of Information Science**, [S. l.], v. 35, n. 2, p. 180-191, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0165551508095781>. Acesso em: 01 jun. 2021.

BOUBETA, Antonio; SALGADO, Patricia Gómez; FOLGAR, Manuel Isorna; GALLEGO, Manuel Araujo; MALLOU, Jesús Varela. EUPI-a: Escala de uso problemático de internet en adolescentes: desarrollo y validación psicométrica.

Adicciones, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 47-63, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20882/adicciones.193>. Acesso em: 01 jun. 2021.

BLUNDELL, Shelley; LAMBERT, Frank. Information anxiety from the undergraduate student perspective: A pilot study of second-semester freshmen. **Journal of Education for Library and Information Science**, Seattle, v. 4, n. 55, p. 261-273, 2014. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ1074306>. Acesso em: 01 jun. 2021.

BROOKES, Bertram Claude. The foundations of Information Science. **Journal of Information Science**, [S. l.], v. 2, p.209-221, 1980. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/016555158000200302>. Acesso em: 01 jun. 2021.

CAMPBELL, Michael M. Motivational systems theory and the academic performance of college students. **Journal of College Teaching & Learning (TLC)**, [S. l.], v. 4, n. 7, 2007. Disponível em: <http://doi.org/10.19030/tlc.v4i7.1561>. Acesso em: 01 jun. 2021.

CARLETO, Cíntia Tavares; MOURA, Raysa Cristina Dias de; SANTOS, Virgínia Souza; PEDROSA, Leila Aparecida Kauchakje. Adaptação à universidade e transtornos mentais comuns em graduandos de enfermagem. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 20, 2018. Disponível em: <http://doi.org/10.5216/ree.v20.43888>. Acesso em: 18 maio 2021.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>. Acesso em: 01 jun. 2021.

CAVALLARI FILHO, Roberto; RIBEIRO, Karla Cristina Rocha; JORGE, Carlos Francisco Bitencourt; RODRIGUES, Raphael Zanon; OLIVEIRA, Gabriela Balarin de; MARTINS, Daisy Souza; MARANHO, Beatriz Cristina; OTRE, Maria Alice Campagnoli; OLIVEIRA, Bruno Bastos de. O impacto da ansiedade em informação nas startups de inovação. **Revista Cubana de Información en Ciencias de la Salud**, Ciudad de La Habana, v. 31, n. 2, 2020. Disponível em: http://www.rcics.sld.cu/index.php/acimed/article/view/1512/pdf_22. Acesso em: 24 maio 2022.

CLARK, David A.; BECK, Aaron T. **Terapia cognitiva para os transtornos de ansiedade**: ciência e prática. Porto Alegre: Artmed, 2012.

CORREIA, Luciana Leonetti; LINHARES, Maria Beatriz Martins. Ansiedade materna nos períodos pré e pós-natal: revisão da literatura. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 677-683, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692007000400024>. Acesso em 11 maio 2021.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à psicologia**. 3. ed. São Paulo: Pearson, 2001.

DEHGHAN-NAYERI, Nahid; ADIB-HAJBAGHERY, Monhsen. Effects of progressive relaxation on anxiety and quality of life in female students: A non-randomized controlled trial. **Complementary Therapies in Medicine**, [S. l.], v. 19, n. 4, p. 194-200, 2011. Disponível em: <http://doi.org/10.1016/j.ctim.2011.06.002>. Acesso em: 01 jun. 2021.

DURIGAN, Gisele Mara; MORENO, Nádina Aparecida. Fluxo e a demanda de informação: a busca pelo ponto de equilíbrio na sociedade de informação. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 7, n. 2, p. 89-106, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9771/1981-6766rpa.v7i2.4680>. Acesso em: 11 maio 2021.

DUTRA, Frederico Giffoni; BARBOSA, Ricardo Rodrigues. Modelos e critérios para avaliação da qualidade de fontes de informação: uma revisão sistemática de literatura. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 13, n. 1, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.1981-0695.2018v13n1.39297>. Acesso em: 01 jun. 2021.

DZHOGLEVA, Hristina; LAMBERTON, Cait Poynor. Should Birds of a Feather Flock Together? Understanding Self-Control Decision in Dyads. **Journal of Consumer Research**, Chicago, v. 41, n. 2, p. 361-380, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/676599>. Acesso em: 01 jun. 2021.

FRAGA, Elisângela Aparecida Macedo; SILVA, Cinthia Lopes. Comunidades virtuais de internet: Atualização do debate sobre lazer. **Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 13, n. 4, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/791>. Acesso em: 01 jun. 2021.

FREEMAN, Daniel; FREEMAN, Jason. **Ansiedade: o que é, os principais transtornos e como tratar**. Trad. Janaína Marcoantonio. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2015.

HORMES, Julia M.; KEARNS, Brianna; TIMKO, C. Alix. Craving Facebook? Behavioral addiction to online social networking and its association with emotion regulation deficits. **Addiction**, [S. l.], v. 109, n. 12, p. 2079-88, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/add.12713>. Acesso em: 01 jun. 2021.

KATOPOL, Patricia. Information anxiety, informational behavior, and minority graduate students. *In*: AMERICAN SOCIETY FOR INFORMATION SCIENCE AND TECHNOLOGY, 73., 2010, Pittsburgh, Pennsylvania. **Proceedings [...]**. Silver Springs, MD: American Society for Information Science, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/meet.14504701327>. Acesso em: 11 maio 2021.

KIRSCHNER, Paul Arthur; KARPINSKI, Arny C. Facebook and academic performance. **Computers in Human Behavior**, [S. l.], v. 26, n. 10, p. 1237-1245, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2010.03.024>. Acesso em: 01 jun. 2021.

MACHER, Daniel; PAECHTER, Manuela; PAPOUSEK, Ilona; RUGGERI, Kai. Statistics anxiety, trait anxiety, learning behavior, and academic performance. **European Journal of Psychology of Education**, [S. l.], v. 27, n. 4, p. 483-498, 2012. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43551094>. Acesso em: 01 jun. 2021.

KUMAR, Krishan. **Da Sociedade Industrial à Pós-Moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. 2. ed. ampliada. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2006.

MARTINCOWSKI, Terezinha Maia. A inserção do aluno iniciante de graduação no universo autoral: a leitura interpretativa e a formação de arquivos. **Cadernos da Pedagogia**, São Carlos, v. 6, n. 12, p. 129-140, 2013. Disponível em: <http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/508/209>. Acesso em: 01 jun. 2021.

MAYATE, Miguel Escura; BLAS, Edwin Salas. Construcción y validación del cuestionario de adicción a las redes sociales. **Liberabit**, Lima, v. 20, n. 1, p. 73-91, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.org.pe/pdf/liber/v20n1/a07v20n1.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2021.

MÉA, Cristina Pilla Della; BIFFE, Eliane Maria; FERREIRA, Vinícius Renato Thomé. Padrão de uso da internet por adolescentes e sua relação com sintomas depressivos e de ansiedade. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 243-264, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicorevista/article/view/28988/21351>. Acesso em: 01 jun. 2021.

NARDI, Antônio Egidio. A história dos ataques de pânico. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 202, p. 71-73, 2004. Disponível em: https://www.espiritismo.net/sites/default/files/pages/a_historia_dos_ataques_de_panico.pdf. Acesso em: 11 maio 2021.

OLIVEIRA, Maria Ines Santana. Intervenção cognitivo-comportamental em transtorno de ansiedade: relato de caso. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 30-34, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872011000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 maio 2021.

OLIVEIRA, Marta. **Os efeitos da ansiedade de informação no comportamento informacional de alunos de graduação em mobilidade acadêmica no exterior**. 2017. 91 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

OLIVEIRA, Rafael Santos; BARROS, Bruno Mello Corrêa; GOULART, Gil Monteiro. As tecnologias da informação e comunicação na (des)construção das relações humanas contemporâneas: implicações do uso do aplicativo tinder. **Revista Brasileira de Direito**, Passo Fundo, v. 12, n. 1, p. 88-99, 2016.

Disponível em: <https://doi.org/10.18256/2238-0604/revistadedireito.v12n1p88-99>. Acesso em: 01 jun. 2021.

OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de. **Arquitetura da informação pervasiva: contribuições conceituais**. 2014. 202 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de; SILVA, Josevânia da. Ansiedade de informação revisitada: reflexões teóricas com base na Psicologia e na Ciência da Informação. *In*: OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregório. **Informação e tecnologias: desenhando fronteiras**. 1. ed. João Pessoa: Editora UFPB, 2018a.

OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de; SILVA, Josevânia da. Ansiedade de informação revisitada: proposta de um questionário de medida. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2018b. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/103683>. Acesso em: 24 maio 2022.

PANAHI, Siros; LOTFI, Mahshid; OUCHI, Ali. Global research trends and hot topics on Library and Information Science: a bibliometric analysis. **Library Philosophy and Practice (e-journal)**, Nebraska, v. 7073, 2022. Disponível em: <https://digitalcommons.unl.edu/libphilprac/7073>. Acesso em: 24 maio 2022.

RIGHETTI, Francesca; FINKENAUER, Catrin. If you are able to control yourself, I will trust you: The role of perceived self-control in interpersonal trust. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, v. 100, n. 5, p. 874-886, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/a0021827>. Acesso em: 01 jun. 2021.

SANTOS, Ana Paula. **O Comportamento informacional do discente do Curso de Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba**. 2015. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SHEDROFF, Nathan. Information interaction design: a unified field theory in design. *In*: JACOBSON, R. **Information Design**. MIT Press, 1999. p. 267-292.

SILVA, Jonathan Luiz Carvalho; GOMES, Henriette Ferreira. Conceitos de informação na Ciência da Informação: percepções analíticas, proposições e categorizações. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 25, n. 1, p. 145-157, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/145/13200>. Acesso em: 11 maio 2021.

SIQUEIRA, Thiago Giordano de Souza. Reflexiones sobre la necesidad o importancia de la información en la contemporaneidad. **Revista Prefacio**,

Washington, v. 1, n. 1, p. 31-38, 2017. Disponível em:
<https://revistas.unc.edu.ar/index.php/PREFACIO/article/view/18385>. Acesso em: 11 maio 2021.

SOUZA, Marcela Reinhardt de; VITORINO, Elizete Vieira. Competência em informação e ansiedade de informação: estudo bibliográfico. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 19., 2018, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2018. Disponível em:
<https://brapci.inf.br/index.php/res/download/123959>. Acesso em: 24 maio 2022.

STONE, Michael H. History of anxiety disorders. *In: STEIN, Dan J.; HOLLANDER, Eric; ROTHBAUM, Barbara O. Textbook of anxiety disorders*. 2. ed. Virgínia: American Psychiatric Publishing, 2009.

TERROSO, Lauren Bulcão; ARGIMON, Irani Iracema de Lima. Dependência de internet e habilidades sociais em adolescentes. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 200-219, 2016. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v16n1/v16n1a12.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2021.

TOWNSEND, Mary C. **Enfermagem em saúde mental e psiquiátrica: conceitos de cuidado na prática baseada na evidência**. Loures: Lusociência, 2011.

VALENTIM, Marta Ligia. Formação: Competências e habilidades do profissional da informação. *In: VALENTIM, Marta Ligia. (org.). Formação do Profissional da Informação*. São Paulo: Polis, 2002.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Depression and other common mental disorders: global health estimates**. Geneva, 2017.

WILLS, Thomas A.; WALKER, Carmella; MENDOZA, Don; AINETTE, Michael G. Behavioral and emotional self-control: Relations to substance use in samples of middle and high school students. **Psychology of Addictive Behaviors**, Washington, v. 20, p. 265-278, 2006. Disponível em:
<https://doi.org/10.1037/0893-164X.20.3.265>. Acesso em: 01 jun. 2021.

WURMAN, Ricardo Saul. **Ansiedade de informação: como transformar informação em compreensão**. São Paulo: Cultura, 1991.

WURMAN, Ricardo Saul. **Ansiedade de Informação 2: um guia para quem comunica e dá instruções**. São Paulo: Cultura, 2005.

ZEMAN, Jirí. Significado filosófico da noção de informação. *In: CUNHA, F.; FELIX, M. (dir.). O conceito de informação na ciência contemporânea*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. p. 154-179.

INFORMATION ANXIETY FROM THE PERSPECTIVE OF UNIVERSITY STUDENTES

ABSTRACT

Objective: to analyze Information Anxiety in digital media from the perspective of undergraduate nursing students. **Methodology:** this is a qualitative study, conducted at a higher education institution in Paraíba, with 10 undergraduate nursing students. Data were collected through semi-structured interviews and the empirical material was treated using Bardin's content analysis. **Results:** five classes emerged from the data analysis: 'Filtering information', 'Connecting with the world', 'Accessing social networks', 'Social networks invading the classroom' and 'Putting the cell phone on silent or off'. **Conclusions:** Information Anxiety was present in the academic environment of undergraduate nursing students, due to the high access to information and use of technological devices. Thus, the behaviors of concern with the reliability of information, loneliness, lack of self-control, self-regulation, need for connection to the virtual world, serendipity, compulsion and dependence on social networks, suffocation by the volume of information, need to keep up to date and search for information on the smartphone were evidenced.

Descriptors: Anxiety. Information Anxiety. Information and Communication Technology. University students.

LA ANSIEDAD POR LA INFORMACIÓN DESDE LA PERSPECTIVA DE LOS ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS

RESUMEN

Objetivo: Analizar la ansiedad por la información en los medios digitales en la óptica de los estudiantes de enfermería. **Metodología:** se trata de un estudio de naturaleza cualitativa, realizado en una institución de enseñanza superior de Paraíba, con 10 universitarios del curso de Enfermería. Los datos se recopilaron mediante una entrevista semiestructurada y el material empírico se trató mediante el análisis de contenido de Bardin. **Resultados:** Del análisis de los datos se desprenden cinco clases: "Filtrando la información", "Conectando con el mundo", "Accediendo a las redes sociales", "Redes sociales invadiendo la sala de clase" y "Colocando el móvil en silencio o desligándose". **Conclusiones:** La Ansiedad Informativa estaba presente en el entorno académico de los estudiantes de enfermería de grado debido al alto acceso a la información y al uso de dispositivos tecnológicos. Así, se evidenciaron los siguientes comportamientos: preocupación por la fiabilidad de la información, soledad, falta de autocontrol, autorregulación, necesidad de conectar con el mundo virtual, serendipia, compulsión y dependencia de las redes sociales, asfixia por el volumen de información, necesidad de estar al día y búsqueda de información en el smartphone.

Descriptores: Ansiedad. Ansiedad informativa. Tecnologías de la información y la comunicación. Universitarios.

Recebido em: 16.06.2021

Aceito em: 28.05.2022